

emocional burguesa não é a repressão em si, mas a absoluta ambivalência gerada pela privatização da família, que restringe os modelos de identificação aos dois genitores e lhes atribui autoridade absoluta combinada com amor igualmente absoluto. Freud analisa como a relação de autoridade-amor com os pais resulta na internalização profunda de um padrão de regras. A família gera assim "um cidadão moderno, que não necessita de sanções ou apoios externos, mas está automotivado para enfrentar um mundo competitivo e tomar decisões independentes".

Neste contexto, a educação sexual como a educação em geral, embora exerça o papel de reprodução da ideologia dominante, também pode ter um papel na introdução de contradições. (E viva a autonomia relativa!)

Segundo, em muitos países, e no Brasil em particular, a educação sexual tem sido proposta como um meio de *motivar e instrumentalizar* a "paternidade res-

ponsável", que muitas vezes acaba sendo um eufemismo para uma política de controle da natalidade, incompatível com os ideais democráticos, por resultar na imposição disfarçada de uma taxa de natalidade ótima.

Além disso, essa "deseducação sexual" é entendida como veículo transmissor da ideologia que culpabiliza a vítima, atribuindo "ao exagerado número de filhos" os problemas sociais e econômicos do país.

Por outro lado, não se pode esquecer que o controle da reprodução é um direito individual importante a ser assegurado numa sociedade democrática, e que os movimentos sociais em prol da democracia têm enfatizado a educação sexual em sua agenda.

Uma educação sexual com aspirações democráticas deve partir do conhecimento das idéias e valores dos educandos. É isto o que estamos pesquisando, através da análise de debates gravados, realizados com jovens de São Paulo, de diferentes classes sociais.

# A PESQUISA E A DEMOCRATIZAÇÃO DO CONHECIMENTO\*

Fúlvia Rosemberg \*\*

*"Quando falo em mobilizar sei do que estou falando (...); fazer com que as pessoas sejam mais móveis do que são e livres como dançarinos, mentalmente ágeis como jogadores de futebol, surpreendentes como guerrilheiros. Quem considerar as massas só como objeto da política não logrará mobilizá-las; só quer manejá-las. Um pacote, por exemplo, não é móvel — é somente jogado de um lugar para outro."*

ENZENSBERGER

Faço parte de uma equipe que vem trabalhando principalmente sobre a produção cultural destinada à criança, tentando aprender, através dela, o significado social da infância. Paralelamente, íntegro, também, o coletivo de estudos e pesquisas sobre a condição feminina que existe no Departamento.

Tanto em uma quanto em outra atividade, seria viável explicitar e refletir em torno do cunho democratizante do *produto* de nosso trabalho: a denúncia da

---

\* Comunicação apresentada na Mesa-Redonda "Pesquisa para democratização da educação", promovida pela Fundação Carlos Chagas, na 32ª Reunião Anual da SBPC, Rio de Janeiro, julho de 1980.

\*\* Do Departamento de Pesquisas Educacionais da Fundação Carlos Chagas.

existência de discriminações contra aqueles que se afastam do modelo imposto de produtividade maximalizada, ou a procura de linguagens não discriminatórias como proposta igualitária.

Acho, porém, ser possível abrir, aqui, uma outra frente de reflexão, não mais restrita ao caráter democratizante dos objetos de pesquisa, mas de seu fazer. Propenho, então, deslocar o foco da reflexão do produto para o processo do trabalho de pesquisa, tentando captar quando e como o fazer pesquisa tem contribuído para a democratização do conhecimento.

Mesmo que tente, não conseguiria escamotear que, além da experiência concreta vivida no Departamento, a organização da minha exposição foi orientada por um contra-modelo, aquele que captei (e que muitos captaram) durante meu processo de formação acadêmica, que critiquei, tentei e tento não incorporar nem reproduzir o de um conhecimento visando, principal ou parcialmente, ao poder.

Não procurarei situar os porquês e nem as nuances desse modelo de conhecimento. Apenas me contentarei em constatar sua presença e sua negação, através de exemplos concretos.

O fascínio e a busca do poder têm reproduzido, ao nível do conhecimento acadêmico e da pesquisa, formas de dominação-subordinação semelhantes às observadas na sociedade abrangente, criando e se utilizando de hierarquias funcionais e econômicas, legitimadas por barreiras ritualísticas de linguagem, de postura, de relacionamento, ficando o acesso e a posse do conhecimento circunscritos a uns poucos iniciados.

Evidentemente, neste padrão, objeto de conhecimento, modelo teórico e linguagem de difusão são alçados a paradigma e o dogmatismo conseqüente rejeita e exclui propostas, se não desviantes, pelo menos diferentes. Vivemos no caldo de cultura regido por modismos rígidos e exoterismos de linguagem: "nosso discurso (ou falação) parte de um corpus e se utiliza de ferramentas inadequadas pois não abre espaço para que se perceba a atuação dos aparelhos ideológicos do estado" (sic).

Tal tem sido, por exemplo, a experiência de pesquisadoras que optaram por estudar a condição feminina. A meu ver, os preconceitos enfrentados não vieram apenas do autoritarismo decorrente de uma postura discriminatória frente à mulher, mas também do dogmatismo decorrente do tema não ser academicamente válido (ou digno) — tema muito próximo de viver, onde a distância entre pesquisador e pesquisado pode, ameaçadoramente, se minimizar.

Com efeito, talvez tenha sido historicamente no Departamento, o trabalho sobre a condição feminina, uma das experiências impulsionadoras de padrões alternativos, menos elitista e autoritário, permitindo, ou pelo menos buscando, no próprio processo de fazer pesquisa uma tentativa de exercício democrático, uma situação de aprendizagem para seus participantes, onde o compromisso básico me parece ser a transformação. Isto é, por ser a pesquisa integrada na luta anti-sexista, e porque esta não é "apenas dirigida como a luta anticapitalista contra as estruturas da sociedade tomadas no seu conjunto: ela se atraca, em cada um de nós, contra aqui-

lo que nos é mais íntimo e que nos parecia mais seguro pois ela contesta nossos próprios desejos e até nossas formas de prazer" (Simone de Beauvoir).

Desta situação peculiar decorre uma série de conseqüências que vêm alterar as relações existentes entre grupo de pesquisa, informantes (ou sujeitos) e público.

Apesar do interesse (e talvez mesmo da necessidade) de explicitar as novas formas de relacionamento que estão surgindo no interior das equipes — como, por exemplo, tentativas de não hierarquizar funções dentro dos grupos e a conseqüente revalorização do trabalho de coleta de dados — gostaria de me deter apenas nas questões relativas ao sujeito (ou informante) e ao público (difusão) pois elas estão sendo incorporadas na própria definição do objeto de novos projetos.

No 1º caso, o que se questiona é a distância entre pesquisador e objeto de pesquisa. O distanciamento, garantia para certas posturas metodológicas de objetividade e neutralidade do pesquisador frente ao conhecimento, tem se traduzido também por uma distância não comprometida, acarretando o tratamento do sujeito como coisa a ser utilizada.

Ora, uma das particularidades da pesquisa sobre a condição feminina, além de seu compromisso com a ação, é exatamente a aceitação e a incorporação da proximidade entre pesquisador e objeto, pesquisador e sujeito de pesquisa. Esta condição peculiar tem acarretado uma redefinição implícita do papel do pesquisador e das qualidades que lhe são necessárias, retirando muitos dos limites interpostos pela comunidade acadêmica.

Neste contexto podem ser integradas duas de nossas experiências concretas: uma delas é o concurso de pesquisas sobre a condição feminina que realizamos pela 2ª vez e que tem possibilitado, dentro de certos limites, que militantes, nesta sua condição própria, obtenham recursos materiais para a realização de pesquisa<sup>1</sup>; a outra, já desenvolvida na prática por Maria Malta Campos, e ainda na condição de projeto aguardando financiamento, incorpora de forma institucionalizada a própria comunidade em todo o processo do pesquisar. Esta postura implica, não apenas em um compromisso teórico ou ético de aceitarmos e incluirmos em nossos trabalhos os projetos da comunidade a ser pesquisada, mas de incorporar a comunidade na pesquisa, compartilhando a definição do problema, os instrumentais, a coleta, a interpre-

---

<sup>1</sup> Com apoio financeiro da Fundação Ford.

tação e a difusão dos resultados.

A 2ª forma de rompimento com os modelos tradicionais de pesquisa diz respeito à relação entre pesquisador e público. A postura que o coletivo de trabalho sobre a condição feminina vem assumindo é de considerar a divulgação como de importância equivalente à realização das pesquisas, na medida em que pode se constituir em via de acesso a transformações sociais. É nesta perspectiva que se situam os novos projetos que realizaremos sobre sexualidade feminina e creches: os conteúdos serão produzidos com grupos comunitários e militantes que serão para e por eles difundidos.

Temos também ultrapassado os limites dos tradicionais meios de disseminação acadêmica, e através de vinculação com grupos de ação, procuramos colocar o produto de nosso trabalho a serviço de uma prática transformadora da realidade estudada.

Esta experiência de divulgação — muitas vezes através dos meios de comunicação de massa — não tem sido branda e nem clara. Ao contrário, ela é acompanhada de incertezas e medos. Medos pessoais, é claro, de desgaste, frente a nossos pares, de nossa imagem de pesquisadoras "sérias"; medo da contaminação, por vezes, do injurioso desprestígio da expressão: "obra de divulgação", "obra para o grande público" (isto é, para os que não são eleitos).

Medo de deslizamentos promocionais, provenientes do fascínio exercido pelos meios de comunicação: não apenas de quem vê, mas sobretudo de quem é visto; não de quem ouve, mas é ouvido.

Se a explicitação dos medos tem a vantagem subjetiva de descarregar os defuntos, ela pouco contribui para o avanço da reflexão quanto às incertezas sobre a utilização dos meios de divulgação como proposta de ação transformadora da realidade. A palavra que a introduz é demoníaca: MANIPULAÇÃO.

No esforço de compreensão e na busca de relações alternativas com os meios de comunicação, encontrei em Enzensberger a reflexão e o encadeamento de raciocínios mais duros e pertinentes em torno do conceito de manipulação. E é dele, Enzensberger, que tomo a palavra.

**D**urante os anos 60, o conceito de manipulação teve valor heurístico propiciando uma série

de pesquisas analíticas. Posteriormente, porém, manipulação se tornou slogan, mais ocultando que revelando, levando a uma postura de resignação, a uma atitude defensiva frente aos meios de comunicação. Esta postura defensiva, se assenta, é verdade, em plano objetivo, no conhecimento real de que os meios decisivos de produção encontram-se nas mãos do adversário. Subjetivamente, porém, a atitude defensiva leva a uma postura de impotência. E o conceito se torna álibi. "Com efeito, a demonização do adversário oculta as debilidades e a falta de perspectiva da própria agitação. E se esta, em lugar de mobilizar as massas, conduz a um isolamento, esse fracasso é atribuído globalmente à superioridade dos meios."

Por outro lado, continua Enzensberger, os meios de comunicação se apresentam como uma potência ameaçadora devido precisamente a suas potencialidades progressistas pondo com isso, pela primeira vez, radicalmente em questão as próprias bases da cultura burguesa e, conseqüentemente, os privilégios da inteligência burguesa — e isso de maneira muito mais radical que qualquer crítica imanente que esta própria camada possa produzir. Reaparecem, então, disfarçados em progressista, os velhos temores burgueses — como o do homem massificado e ainda os velhos anseios de volta a uma situação pré-industrial.

Receio de um lado, enquanto produtor; enquanto pesquisador; enquanto militante. Fascínio de outro, enquanto receptor. Se de um lado refugiamos na segurança de formas antiquadas de comunicação em vez de confrontarmos a atual constituição dos meios e seu potencial revolucionário, por outro submergimos fascinados na estética da indústria da consciência. Apesar de irem ao cinema para verem filmes de far-west ou de Godard, em sua qualidade de realizadores "prescindem de tudo isso e, em suas análises, todo o setor dos meios de comunicação fica reduzido ao slogan de 'manipulação'. Qualquer avanço nesse terreno confronta-se de antemão com a suspeita de integracionismo. E essa suspeita não carece de fundamento, mas também poderia ocultar a própria ambivalência e insegurança. O temor de ser engolido pelo sistema é um sintoma de fraqueza; pressupõe que o capitalismo seja capaz de eliminar qualquer contradição, uma convicção facilmente refutável do ponto de vista histórico e que carece de toda base teórica".

---

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEAUVOIR, Simone de. "Présentation". *Les temps modernes*: les femmes s'entêtent. nº 333-334, ab. maio 1974, p. 1719-1720.

ENZENSBERGER, Hans Magnus. *Elementos para uma teoria dos meios de comunicação*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1978.